

COLUNA DO CASTELLO

MARCELO PONTES

Campanha agora é mais agressiva

Sai faísca por todo lado na campanha eleitoral. O tom subiu, a agressividade aumentou, o ambiente de nervosismo e tensão se instaurou, como era esperado para esta reta final de campanha.

Em tempos normais, o diplomata Fernando Henrique Cardoso não se reconheceria nas palavras que pronunciou em Palmares (PE), no fim de semana: "Retóricos, retóricos ultrapassados, cadáveres ambulantes, que pensam que vão ter votos. Só terão votos por piedade de alguns."

Fernando Henrique referia-se aos "fariseus", "mentirosos" e "ignorantes que não sabem o que é povo nem o que é economia, não sabem de nada" — e estão acusando o candidato a vice-presidente de sua chapa, Marco Maciel, de ter sido eleito senador em 1990 com o dinheiro imoral e pecaminoso de PC Farias.

Já seria estranho admitir na corcunda de monge de Marco Maciel uma mochila de dinheiro de PC Farias. Os mais iracundos inimigos de Maciel jamais conseguiram registro de trambiques em sua vida. O caixa de uma campanha eleitoral, entretanto, tem mistérios que vão para o túmulo.

A tentativa de exumá-los agora tirou a serenidade pesadista de Marco Maciel. Ele repete há três dias que o autor da denúncia de que teria recebido dinheiro de PC Farias, Fábio Catão, ex-namorado de sua filha Cristina, é vigarista, cafajeste e ladrão.

No mesmo palanque de Fernando Henrique e Marco Maciel em Palmares, o candidato ao Senado Maurílio Ferreira Lima — um deputado federal mais coerente nas posições políticas do que na combinação de ternos e gravatas — registrou no decibelímetro da campanha a marca dos que começaram a sentir o cheiro da derrota nas urnas: "Tem muitos cabras safados que querem acabar com o real, e Arraes está com eles. É o retrato do atraso, urubu que espera o povo virar carniça para comer a carcaça." Certamente, há gente que quer acabar com o real. Arraes até pode ser sinônimo de atraso. Mas quem está perto de ganhar a eleição não diz o que Maurílio disse. Aliás, na hora em que disse a frase, houve vaias.

Quanto maior o risco de derrota mais forte pode ser o tom do resmungo. O governador Leonel Brizola sempre soube ser contundente, sem agredir as pessoas. Num encontro do PDT no Circo Voador, no Rio, Brizola declarou, referindo-se a Fernando Henrique: "Esse desgraçado vai vender a Petrobrás, a Eletrobrás, as telecomunicações e todo o patrimônio nacional. Ele é um fraco."

Não existe a menor possibilidade de Fernando Henrique, se eleito presidente, vender a Petrobrás, segundo a assessoria econômica do candidato. O que ele pretende fazer nessa área é abrir às empresas privadas a prospecção de petróleo, que até a Constituição de 1988 era permitida sob forma de contratos de risco. Quanto ao setor elétrico e de telecomunicações, Brizola tem razão: Fernando Henrique quer privatizar tudo.

Muito mais motivação têm Lula e o PT para elevar o

tom da campanha. Precisam de três ou quatro pontos percentuais, no mínimo, para impedir que Fernando Henrique liquide a fatura em 3 de outubro. Ao menos por esta frase, ao se virar contra os eleitores pobres que saíram de sua campanha para a de Fernando Henrique, e que afinal decidirão a eleição, Lula demonstra estar atordoado: "Quando eu vejo uma mansão com propaganda de um candidato dos ricos, eu entendo. Mas quando vejo uma faixa de um candidato rico na casa de um pobre, penso que ou o rico é muito esperto ou o pobre é muito besta." O candidato a vice de Lula, Aloizio Mercadante, não perdeu o alvo: "O palanque de Fernando Henrique está se transformando no quarto de despejos da Casa da Dinda."

A questão é saber se esta nova temperatura da campanha, antes restrita a disputas regionais, repercutirá ou não no resultado final da eleição para presidente da República. Se ela sair dos comícios e reuniões partidárias para esquentar os seis últimos programas eleitorais dos candidatos a presidente na televisão, acontecerão duas coisas, segundo Marcos Coimbra, diretor-presidente do instituto de pesquisas Vox Populi.

Primeiro, multidões tomarão conhecimento das acusações apresentadas. Na pior das hipóteses, com o índice mais baixo de audiência registrado pela propaganda eleitoral, 20 milhões de eleitores assistem aos programas dos candidatos a cada dia. E nesta reta final, em que os eleitores indecisos procuram definir o seu voto, a audiência aumenta. Os riscos de desgaste, portanto, se tornam maiores para Fernando Henrique.

Em segundo lugar, a simples apresentação de uma denúncia não quer dizer nada. O eleitor, nesta campanha, segundo Coimbra, sempre procura fazer diferença entre uma acusação verdadeiramente séria e outra meramente eleitoral.

Admitamos, para raciocínio, que seja séria e não eleitoral a acusação contra Marco Maciel. As pesquisas do Vox Populi indicam que apenas 15% do eleitorado sabem que Maciel é o vice de Fernando Henrique. Invertendo: 85% dos eleitores não têm a menor idéia se ele é gordo ou magro. E todos sabem que Fernando Henrique é o pai do real.

Se aparecendo ao vivo e em cores com aquelas suas surpreendentes revelações o ministro Rubens Ricupero foi considerado vítima de uma armação por 40% dos eleitores, entende-se como não será fácil abalar Fernando Henrique com supostos pecados de um companheiro de chapa que poucos conhecem.

Já é tão sólida a imagem de Fernando Henrique, segundo Coimbra, que um dos moderadores das entrevistas qualitativas feitas diariamente, na hora da propaganda na televisão, pelo Vox Populi se saiu com esta no último fim de semana: "Se alguém provar que Fernando Henrique matou a própria mãe, haverá algum eleitor que dirá: 'Vai ver, ela fez alguma coisa para merecer isso.'"